

MANIFESTÇÃO DE VIVÊNCIA:

Um relato de experiência de escuta(dores) na, com e para periferia.

PERIFaNÁLISE



Grazie Fujimoto

Mulher Preta, lésbica e mãe,
Perifanalista,
feminista e antirracista



Jefferson Santos

Antirracista, Perifanalista,
Psicanalista, Psicólogo.



Rosimeire Bussola

Perifanalista, moradora de São Mateus,
Psicóloga Antirracista trabalhadora do SUS,
artesã e cuidadora de plantas.

Contato Perifanálise: perifanalise@gmail.com

**MANIFESTÇÃO DE VIVÊNCIA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESCUTA (DORES) NA, COM E PARA
PERIFERIA.
PERIFANÁLISE¹**

**EXPERIENCE MANIFESTATION:
A REPORT OF LISTENING EXPERIENCE (PAINS) IN, WITH AND TO THE
PERIPHERY
PERIFANÁLISE**

**MANIFESTACIÓN DE EXPERIENCIA:
INFORME DE EXPERIENCIA DE ESCUCHA (DOLORES) EM, COM Y LA
PERIFERIA.
PERIFANÁLISE**

1º tempo

Nós, PERIFaNÁLISE.

Aqui, nos propomos a dizer sobre PERIFaNÁLISE a partir de nossas vivências conjuradas com teorias e afetos. Essa escrita não se fideliza somente a uma linha teórica metafísica, abstrata e racional, mas é composta de partes costuradas com as nossas próprias pesquisas subjetivas, no reconhecimento do traumático, outrora recalcado, atravessado em nós, Perifanalistas, e que ainda insiste em se inscrever em linguagem própria. A construção deste texto foi em uma Torre de Babel, entre três Perifanalistas no exercício de encontrar uma linguagem comum.



Coletivo Perifanálise. Na primeira fileira, da esq. para a dir.: Danielle Braga, Thaina Arouca, Kleber Albuquerque, a pequena Laura filha de Grazie Maina, e Veronica Rosa. Na fileira de trás.: Paula Jamelli, Emília Ramos, Reina Rodrigues e Rosimeire Bussola.
Foto: Lucas Quinttino

O primeiro impulso que despertou o interesse por um coletivo de Psicanálise na periferia foi a conjuntura política do país, às margens das eleições presidenciais de 2018, no qual, percebendo um contexto de retrocessos que gerou inquietações e nos mobilizou a estudar psicanálise, passamos a ocupar a casa da Paula, companheira membra da PERIFaNÁLISE.

A PERIFANÁLISE nasceu em 2018, a partir de um desejo decidido e gestado inicialmente por quatro mulheres (Grazie Fujimono, Paula Jameli, Priscila Queroz², Rosimeire Bussola), trabalhadoras da Assistência Social em São Mateus, Zona Leste de São Paulo, moradoras dessa periferia que objetivavam a presença da Psicanálise ali. Posteriormente, com a perspectiva de ampliar o coletivo, convidamos para compor nossas reflexões, dois colegas interessados na Psicanálise (Fábio Ramos³ e Jefferson Santos), também moradores do território. Nos encontramos de diferentes pontos de vivências e origens intercruzadas pelas nuances e contrastes de raça/cor, ao arco de diversas orientações sexuais e classes sociais das mais populares, compostas por outras formas familiares, e que comungam de diferentes credos e crenças, descrenças e segredos.

Este nosso desejo em constante deslocamento de seus objetos foi inicialmente condensado em um grupo de estudos, no qual nos reuníamos semanalmente. Após isso, passamos a discutir qual clínica pretendíamos formar. Partimos da inspiração dos modelos existentes de clínicas públicas do centro de São Paulo, que parecia derrubar o estereótipo de uma psicanálise somente para a elite burguesa. No entanto, as contradições dessas clínicas públicas (com seus modelos de cadeiras em praças e jardins, já estruturados à disposição dos psicanalistas e de quem quisesse falar), em contraste com uma clínica pensada na periferia, onde o quintal das casas são as próprias ruas, tornou óbvio que o nosso modelo deveria ser diferente daquele.

Nesse percurso, chegamos à conclusão que o modelo de clínica que queríamos seria aquela em que fosse possível forjar a nossa forma de democratizá-la e trazê-la para a periferia. Para se ter uma ideia, de São Mateus até o centro de São Paulo, demora-se em média de uma hora e meia à duas horas de viagem de transporte público, apenas de ida, isso se não houver trânsito intenso.

Em 2019, com o interesse em ampliar nossas atividades, nos aproximamos da Favela Galeria⁴ através do nosso amigo e Assistente Social Anselmo Alves⁵ que, na brincadeira com as palavras, criou carinhosamente o neologismo PERIFaNÁLISE, pactuando nossa parceria com o @grupoopni, Grupo de artistas formado em 1997 por jovens moradores do bairro de São Mateus, na periferia de São Paulo, com um ideal em comum: expressar por meio de arte, a realidade do dia a dia que os tornavam invisíveis para oportunidades e alvo para compor estereótipos. O Grupo OPNI também é responsável por diversos projetos realizados na Vila Flávia, e que dialogam com comunidades periféricas de todo o mundo. É importante destacarmos que grande parte do seu trabalho artístico é a reprodução de corpos negros e seu cotidiano. A partir dessa aproximação, PERIFaNÁLISE tem sua morada nesta galeria de arte urbana que fica na comunidade da Vila Flávia.

Dentre os acontecimentos com os quais fomos nos deparando, surgiu a questão do pagamento; e nos pareceu legítimo, orientados por nosso posicionamento ético/político, iniciar os atendimentos sem a necessidade de envolver o dinheiro nas sessões. A surpresa que encontramos partiu da população que chegava na clínica e falava sobre a necessidade de pagar pelo trabalho. Logo, a própria experiência nos mostrou que seria no “caso a caso” que cada analisante construiria a sua maneira de pensar sobre seu pagamento na relação transferencial com Perifanalista. Assim constituíram-se as bases da PERIFaNÁLISE, no reconhecimento da nossa realidade que diverge em prática das clínicas públicas contemporâneas e da tradicional clínica privada.

Nós, Perifanalistas, com o desejo de sermos Psicanalistas na periferia, embora com formações singulares, mantemos o desejo de saber sobre o inconsciente e de trazer o cuidado psicanalítico ao nosso encontro. Criamos nosso próprio centro de cuidado para nossas neuroses, para que nós, da periferia, se assim desejarmos, também possamos nos servir do uso comum desse bem da humanidade. E que a própria Psicanálise, se assim se permitir, amplie seus horizontes nesse projeto sempre inacabado que chamamos de humano.

2º tempo

Das brasas às labaredas, das gotas às cachoeiras.

Compreendendo entre nós o racismo e as relações raciais.

Passamos a refletir sobre as concepções de nossas experiências profissionais nos serviços públicos que, mesmo com lógicas antimanicomiais e para garantia de direitos, ainda mantém nas lacunas da escuta as questões do racismo além das de gênero e classe. Todo esforço para romper lógicas manicomiais ainda é insuficiente, impondo um risco a estas instituições de se manterem em práticas uniformizantes e impessoais, respondendo às estruturas do sistema neoliberal em detrimento da horizontalidade, da singularidade e da coletividade.

Corroborar com essa afirmação que a estruturação das políticas públicas ainda mantém práticas conservadoras, alicerçadas na negação do racismo e do sofrimento gerado por ele, conferindo, nas práticas de atendimento aos usuários, métodos restritivos, tradicionais e incapazes de escutar sobre esse sofrimento. Não é possível atribuir a um responsável direto essa estruturação, sabemos que somos uma sociedade racista, e ela é estrutural. Nos espaços ocupados pelo coletivo, bem como nas observâncias de nossas escutas, percebemos quão urgente é abandonar práticas que não ouvem de fato, ou que diminuem o sofrimento originado nesse tipo de relação violadora de direitos. Essas mesmas que dificultam ao sujeito a ocupação de espaços sociopolíticos para autonomia e emancipação.

Contraopondo a isso e a partir da população predominantemente negra que havia nos procurado, passou a ser objetivo do coletivo os estudos das relações raciais bem como a escuta do sofrimento produzido pelo racismo. Os relatos dessas experiências racializadas, nos implicam a escutar a cor do inconsciente,

a valorizar a tese contrária e também válida: o inconsciente é negro, é ianomâmi, é judeu; o inconsciente, decisivamente, é João, é Maria, recolhe signos e enigmas que marcam fundo a biografia e deitam raiz em histórias e na História, orientando e dividindo a transferência pelo que é mais significativo e o que é mais enigmático. (Filho, 2017, p.156)

Apesar do racismo ser uma questão a se lidar coletivamente, a experiência do racismo também é singular, bem como a escuta do sofrimento produzido por ele.

O aprofundamento dessas questões se deu quando nos questionamos sobre a nossa própria escuta clínica e as concepções que absorvemos dos nossos percursos enquanto profissionais e psicanalistas, nas quais ainda estão sobrepostas muitas correspondências racistas e burguesas e outras formas de domínio e práticas de exclusão nas entrelinhas dos seus discursos. As questões acerca de como estávamos ouvindo as especificidades dessa população se fez óbvia, emergente e necessária entre nós.

Assim como Freud fazia na sua clínica, observamos a nossa, composta predominantemente por negros/negras falando sobre suas vivências, inclusive os impactos do racismo em suas subjetividades. Tornou-se fundamental a dedicação no inter cruzamento dos estudos das Relações Raciais e a Psicanálise, e com isso, iniciamos pela escritora Grada Kilomba⁶.

Kilomba faz menção a Spivak “O subalterno pode falar” (KILOMBA, 2019, p.47) dizendo da importância de oferecer espaços de voz a quem sempre foi silenciado e, principalmente, viram e veem suas vivências contadas por terceiros, excluídos do protagonismo de sua própria história. Principalmente porque a produção acadêmica negra em geral é tratada como militância, senso comum ou apenas vivência. Não que isso seja um problema, a questão principal é a alteridade no percurso do homem branco acadêmico, uma vez que suas produções são reconhecidas como ciência. Kilomba dedica seu doutorado a nos ensinar os efeitos do racismo em mulheres negras e traz apontamentos sobre como funciona a subjetividade de pessoas brancas. Ou seja, como estas utilizam mecanismos psíquicos para não enfrentar o racismo, tão caro à sua subjetividade, e como forma de manutenção do seu privilégio.

O livro de Kilomba evidencia a voz e dá lugar à mulheres negras, concatenando cada parágrafo sobre a branquitude e o machismo, convidando a não regredir diante da temática racial. Kilomba nos provoca a nomear os termos racistas e alerta sobre como a branquitude nega o racismo para não reconhecê-lo. Mostra o incômodo das pessoas brancas em serem racializadas, uma vez que ocupam o lugar hegemônico, e os que diferem disso são empurrados ao estranhamento.

O medo branco de ouvir o que poderia ser revelado pelo sujeito negro pode ser articulado com a noção de repressão de Sigmund Freud, uma vez que a 'essência de repressão' segundo o mesmo: 'Encontra-se simplesmente em afastar-se de algo e mantê-lo à distância do consciente'" (Kilomba, 2019, p.41).

Nesse sentido, provoca nos leitores a impressão de que os brancos se sentem ofendidos ao serem reconhecidos nesse lugar racializado, algo que fazem há centenas de anos com outros povos e raças. Cuidadosa e atenta com as palavras, ela propõe outra maneira de usá-las, levando em consideração questões de gênero, apontando que em nossa língua, por exemplo, há muitas palavras, como *sujeito*, *indivíduo* e *objeto*, todas no masculino. (2019, p.15-20).

O uso da palavra como forma de subversão de um sistema estruturalmente racista é algo que Kilomba faz questão de expor. A palavra tem a capacidade de criar estruturas que separam ou aproximam as classes. Não se trata de regionalismos ou gírias específicas, trata-se do uso da palavra como forma de opressão linguística. Em nossa compreensão, a autora fala sobre a produção acadêmica como meio pelo qual a branquitude sustenta seus ideais. Faz uma construção acerca do silenciamento histórico sofrido pelos/as negros/as, e o impacto disso na subjetividade.



FOTO: Lucas Quintino



Estudamos Grada Kilomba porque nos interessa o que estudosas/os negras/os têm a dizer sobre os impactos do racismo, mas não apenas isso. Ler a pesquisa da autora aliada à psicanálise, nos provoca a querer saber mais sobre essa intersecção. Queremos saber o que Kilomba tem a nos dizer sobre o porque das periferias serem ocupadas em sua maioria pela população negra. Para a autora, os processos que definem o racismo “são acompanhados pelo poder: histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo” (KILOMBA, 2019, p.76). Assim, ao passarmos pela sua leitura em nosso grupo de estudos, nos encontramos com nossa própria história, dentro e fora da formação acadêmica, levados por um desejo de saber mais sobre as relações raciais e sobre o ser não-branco no Brasil.

Em nossos diálogos e estudos direcionamos nossas questões para concepções de identidade que poderiam, uma vez essencializadas, cristalizar o sujeito à fatalidade de se esperar dele aquilo que já está posto para todos, perdendo a fluidez de estar diante do indeterminado. No entanto, a realidade aparente e vivida dos negros/negras e periféricos estão fatalmente às margens da concepção de humanidade plena, se afastando e muito da finalidade de um humano pleno em seus desejos e anseios pela virtude da autonomia e liberdade, solidariedade e justiça.

Vemos que a população negra e pobre, pós abolição, abandonada, é constantemente encaminhada ao desvirtuamento e vão para os lugares de dejetos e abjetos da humanidade. E não por acaso, famílias negras e pobres nesse Brasil são empurradas desde sempre e cada vez mais às suas periferias, onde também estão os lixões e os riachos cheios de dejetos e abjetos dos centros das cidades.

No Brasil, significantes como “Cirilo” e “Pelé” são usados com frequência para nomear pessoas negras como uma maneira de alinhá-las a um estereótipo universal, excluindo, assim, suas características singulares, ignorando suas subjetividades e, no limite, desumanizando-as. O oposto ocorre com o branco que, nessa perspectiva, torna-se um padrão, único e hegemônico que distancia toda e qualquer pessoa que não possua essas características. Nesse sistema, o que resta ao negro, agora incluindo a mulher e o não-europeu, é o mesmo lugar de dejetos. Esses significantes não contemplam e nem se aproximam de uma categoria humana, e ainda há a perversidade de tornar o outro um objeto de gozação, gozo do racista, deslocando a violência para a recreação.

Fala-se muito que o inconsciente não tem raça. A quem serve negar a racialidade? Fazer isso é falta de conhecimento ou será de interesse também? O que nos provoca no estudo de Kilomba é que os problemas raciais que ela aponta na Europa de 2008 — seja na Alemanha, onde ela faz o doutorado, ou em Portugal, seu país de origem, é a semelhança em que esses problemas também são vistos e vivenciados aqui no Brasil, um país em que, segundo aponta o Jornal da USP (2020), mais de 54% da população é preta e parda (termo errôneo, mas utilizado pelo IBGE). Um país que não assume seus problemas, esconde sua história e camufla o racismo com o mito da democracia racial e outros discursos racistas.

Ao compreendermos essas dimensões, pensamos que entender, enfrentar e combater o racismo é também acabar com a sociedade de classes e superar o capitalismo. Tal leitura aprofunda ainda mais nossa prática e a forma em que percebemos as intersecções de raça, sexualidade, gênero e classe no ambiente terapêutico.

3º tempo

Rios e mares de afetos e desejos.

O nosso futuro é incerto, o nosso passado é constante e o presente está dado.

Nossa dedicação na PERIFaNÁLISE pela busca do resgate histórico do movimento Psicanalítico para além do modelo hegemônico tradicional nos levou a passar por textos freudianos e pós-freudianos que pudessem articular clínica e política.

Em nossas reflexões e vivências, percebemos que há um estado de guerra constante aqui, diluído e pulverizado continuamente nas periferias, principalmente por três figuras presentes: o Estado, a Igreja e o crime. Estamos na presença do Estado com a violência policial protegendo o patrimônio, a administração da precarização dos serviços de assistência social e de saúde mental e outros; o investimento com a educação alienante, economia da desvalorização; devastação ambiental pelo (in)saneamento básico; desvios dos impostos dos até então cidadãos, entre outros conflitos e saques e, por isso, estamos diante do trauma da guerra constante.

Contraditoriamente está a Igreja e o crime, visto que ambos se oportunizam pelas frestas do sistema capitalista cooptando a população periférica que os movimentos de base não conseguem alcançar. Ora oferecendo lugar, oportunidades e reconhecimento social, ora restringindo novos percursos, impedindo recursos objetivos e subjetivos e alienando o sujeito de ser único e singular. Observamos que o Estado faz sua manutenção de poder onde o Bem-estar para o Bem Viver, está pervertido ao Bem-estar do Capital, ao bem viver do próprio Estado, através do sexismo, racismo, patriarcado e elitismo classista usando do “seu” povo para isso.

Durante a pandemia, vimos a necessidade de continuar e ampliar a PERIFaNÁLISE, aumentando nossas apostas no calor dos encontros que chamavam outros para estarmos juntos aquecidos. O cansaço que a pandemia proporcionou foi da ordem do abandono e o encontro PerifAnalítico foi, e ainda é, uma forma de acolhimento, escuta e pertencimento.

Qual destino da PERIFaNÁLISE? Não nos interessa sua finalidade, nem queremos seu fim, mas buscamos seu começo e recomeço em distintas formas abrangentes. É um ledor engano pensar que falamos sobre a periferia. Falamos sobre nós que estamos na periferia. Um labirinto de vielas que parece não haver céu de tantas casas e sobrados tão estreitos. Pobreza material não é sinônimo de miséria porque a escolha de continuar na periferia é voltar ao que se dera, desde o início nos campinhos de terra ou nas pipas do céu. Afeto na resenha do bar que é quintal ou da fofoca do lado de fora do portão de grade que protege e aprisiona. Não romantizamos o trauma da miséria que todo pobre já passou, mas conseguimos criar novas linguagens que traduzem as vivências que não foram nomeadas e tem outro nome além de miséria. É no acolhimento e identificação de quem vivenciou e sentiu o trauma e o amor que é possível montar uma linguagem buscando o fim do silêncio. Tem sua dose de paixão, lógico, mas não se define pela lógica da paixão, que se repete nas narrativas violentamente absurdas do cotidiano; e sim com a força de sentir a própria palavra desnudar a vivência, mesmo com dor, para conseguir sair desse labirinto, no qual essas paredes sem cores refletem as nossas dores e quanto mais escuro, mais explícito. E se for para colorir que seja pelas nossas próprias mãos.

Um ponto de virada em PERIFaNÁLISE foi a de que a visão de cada Perifanalista não se sobreponha a outra, mas amplia o horizonte e o tempo de observação para que cada olhar tenha seu percurso e seus desvios. Assim, garantiríamos a singularidade de cada sujeito com seu olhar frente aos desafios pessoais e coletivos que o encontro possa oferecer. Os nossos encontros são favorecidos em nossos olhares como espelhos d'água onde nos vemos e nos reconhecemos, permitidos a navegar no não-saber, justamente para saber, compor e compartilhar saberes. Ressignificar com nossos próprios afetos as representações que o mundo nos reserva e até mesmo nos impõe . Então, aqui gestamos e nascemos os muitos desejos e sonhos de nós na, com e para a PERIFaNÁLISE.

Acreditamos na honestidade do afeto como ligação primária do desenvolvimento humano e a sinceridade de se permitir afetar e ser afetado pelo outro e nos reunimos em torno disso. São nas múltiplas direções da horizontalidade que apostamos nossas setas, ampliando o campo da política dos afetos para que a verticalidade singular da grandeza humana em sua radical diferença seja cada vez maior. De alguma forma, seria mais fácil abandonar o encontro e o confronto dos afetos para não sentir a dor de viver e estar no “quase”, anestesiado e dormente, esperando o nada ter seu fim. Encontrar e confrontar, face a face, cada afeto dos nossos encontros em suas nuances, pode fazer pulsar vida num mundo habitado de repetições mórbidas, que deseja nos levar para um longo sono sem sonhos.

Nos reconhecemos e reafirmamos que somos “cria da quebrada”, em sua maioria nascidos e crescidos em São Mateus e região. Nosso percurso acadêmico e de formação psicanalítica tem diferenças radicais, não só enquanto arcabouço teórico, mas principalmente enquanto experiência de pertencimento.

Se por um lado o/a jovem psicanalista em formação nos grandes centros urbanos burgueses tem suas vivências e formação intelectual amparados e sustentados pelos privilégios de classe e raça, nós, por esse lugar, desse outro lado, temos com frequência nossa práxis questionada e descaracterizada por aqueles que se outorgam arautos da psicanálise no Brasil.

A insistência do homem rico, branco europeu com seu fardo de colonizar saberes, desumanizar e excluir os seus opostos segue desde sempre com força total, a colônia não mudou, só mudou o seu modo de operar. Se antes covardemente se escondiam atrás das armas, agora com uma coragem dissimulada, se apropriam dos saberes para se perpetuarem nos lugares de poder colonizando práticas, se usando do trabalho de corpos negros para se promover, capturando dessa vez nossas palavras.

De nossa parte compreendemos que, as nossas vivências singulares e coletivas nos permitem sustentar o desejo de sermos psicanalistas na periferia. Fazemos então uma aposta na psicanálise colocando-a à serviço da periferia, onde o circular dessa dá lugar a escuta e trocas mútuas.

É caro também ao coletivo, o constituir de espaços horizontais de estudo, onde acolhemos outros psicanalistas periféricos. Compomos também do espaço da supervisão e intervisão das escutas realizadas pelos perifnalistas, particularmente nos espaços de intervisão, também colocamos em pauta a nomeação de quem somos, retomando e elaborando nossa caminhada enquanto coletivo e do nosso fazer. E, por fim, a transmissão, por onde comunicamos como se dá esse encontro entre psicanálise e periferia.

Se nesse breve histórico, afirmamos alguma síntese, é a de que, entre a psicanálise no Brasil até então com seus avanços, e os diversos conflitos sociopolíticos contínuos às periferias, a PERIFaNÁLISE segue seu caminho e sua história a partir de seus próprios circuitos pulsionais.

“E quando nós falamos
temos medo que nossas palavras nunca serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo.
Então é melhor falar
tendo em mente que
não éramos supostas sobreviver
Audre Lorde” (Kilomba, 2019, p.57)

NOTAS

1 – Texto escrito em parceria com Paula Jameli, Danielle Braga e Emília Ramos

2 - Priscila Queiroz: Assistente social, Promotora Legal Popular, evangélica progressista e cantora.

3 - Fábio F. Ramos: Psicanalista e professor/educador.

4 - Favela Galeria é uma galeria de arte a céu aberto na Vila Flávia, no bairro São Mateus. Conta também com um espaço físico onde acontecem exposições e os artistas podem apresentar e comercializar seus trabalhos. Artistas do Brasil e do mundo auxiliam na construção desse museu.

5 - Anselmo Alves: Favelado, Assistente Social, poeta antirracista amante da arte e do Corinthians.

6 - Psicanalista, intelectual e artista que estudou na Alemanha seu doutorado resultando no livro Memórias da Plantação. Em seu livro conta sobre a experiência de ser mulher, negra, imigrante portuguesa na Alemanha e encontrar o sexismo, o racismo e o não-lugar ao ouvir de diversas formas "de onde você vem?" ou "o que você faz aqui?" em seu percurso.

REFERÊNCIAS

Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Jornal da USP, São Paulo: 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 29/09/2021.

FILHO, José Moura Gonçalves. A Dominação Racista: o passado presente. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia; ABUD, Cristiane Curi. O Racismo e o Negro no Brasil: questões para a psicanálise.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Fujimoto, G; Santos, J.; Bussola, R. (2021). Manifestação de vivência: um relato de experiência de escuta(dores) na, com e para a periferia. *Perifanálise. Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 103-122.

RECEBIDO EM: 16/07/2021

APROVADO EM: 01/11/2021